



RESENHA

O SENTIDO DO SAGRADO:
da arcaicidade à dessacralização

THE SENSE OF THE SACRED:
from archaicity to desacralization

Renan Gomes *

BELLO, Angela Ales. **O Sentido do Sagrado:** da arcaicidade à dessacralização. FERNANDES, Márcio L. (coord.). Tradução de Paulo Sérgio Lopes Gonçalves e Dilson Daldoce Júnior. São Paulo: Paulus, 2018. 158 p. (Coleção Mundo da Vida).

A obra de Angela Ales Bello tem como objetivo analisar a constituição do sagrado nas religiões arcaicas e complexas. Para tanto, a filósofa italiana trata de salvaguardar suas premissas na busca pela compreensão da experiência religiosa no espaço-tempo. Em primeira instância, traz o argumento que discute tal experiência, tanto no terreno de sua aceitação, quanto no movimento de sua negação, constatando que ela é algo a ser vivenciado, isto é, de vivência (*Erlebnis*). Em seguida, apresenta os pressupostos metodológicos para o estudo do sagrado e do religioso. Diante das possibilidades analíticas em torno da religião, Ales Bello assume o caminho fenomenológico, buscando contribuir para um repensar e aprofundar as estruturas internas do sagrado. Também atravessa o âmbito da Antropologia e da História das Religiões, de modo que a experiência humana do *religare* com o *Sacro* possa ser compreendida.

A vertente fenomenológica de Ales Bello presume uma Potência que se autocomunica ao ser humano e o provoca à uma relação situada na própria vida, assinalada pela historicidade. O *Sacro* não se movimenta em direção ao ser humano sem situar-se historicamente, e sem a imersão na sociedade e na cultura – disso resulta a experiência religiosa. Nesse sentido, as dimensões do encontro entre o ser humano e a Potência são

* Bacharel em História, Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Mestrado em andamento em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Brasil. ORCID: 0000-0003-0468-3542. E-mail: renangomes16@outlook.com.

chamadas de *hylética* (matéria) e *noética* (pensamento). Enquanto estruturas cognitivas da experiência humana, indicam a materialidade da vivência e o sentido à matéria, na medida em que provoca a característica do *numinoso* na experiência. Ambas as expressões são trazidas do pensamento do filósofo alemão Edmund Husserl e, em conjunto com as posições de Edith Stein e Gerardus van der Leeuw, constituem o tripé teórico de Ales Bello.

O livro está estruturado em duas partes. Na *Arqueologia fenomenológica do Sagrado*, Capítulo I, tem-se o sentido do sagrado perante os seus sinais. Aqui, a antropologia cultural e a história das mitologias se apresentam como ferramentas importantes, à medida que a cultura arcaica traz sinais característicos e fundamentais, como a “indistinção entre sujeito e objeto” (BELLO, 2018, p. 47). Ela é permeada por um *sentimento* de sacralidade, concebido pela presença de algo potente, e pela sacralização das ações humanas e da natureza. É na análise dos mitos e das vivências em sua base, que observamos o momento *hylético* e *nóético*, e podemos constatar o primeiro momento de orientação da realidade. Nesse sentido, os objetos sagrados, tais como os artefatos e aqueles ligados à oralidade, são sinais fundamentais na compreensão do mundo primitivo.

No Capítulo II, tem-se o lugar do sacrifício, isto é, o ato de cumprir ações sagradas (*sacra facere*). Ales Bello busca delimitar o território do *sacro* numa dupla investigação: na estrutura essencial do ser humano (antropologia) e no desenvolvimento das manifestações humanas no tempo (história). O significado de sagrado é investido através do uso da linguística – semiótica e semântica – que demonstra a abertura pessoal e/ou coletiva na experiência sacrorreligiosa. No sagrado arcaico, o sacrifício está na articulação entre ações humanas e ações da Potência, e é constituído pela doação livre. Já no sagrado complexo, ele se torna uma prática *mecânica*, havendo um deslocamento na relação com Deus, em direção à um “plano espiritual que não utiliza instrumentos ‘materiais’.” (BELLO, 2018, p. 70).

No capítulo III, a filósofa aborda a questão do banquete sagrado. Tem-se o alimento e o sagrado nas culturas arcaicas, cuja importância deve ser lembrada, pois caracteriza o momento emblemático e excepcional que promove a salvação do grupo que pratica o rito. Já nas religiões históricas, Ales Bello aponta para a valorização do alimento, não somente sagrado, mas do cotidiano, interpretado de forma sacra tanto pelo cristianismo, quanto pelo judaísmo, hinduísmo e budismo.

No Capítulo IV, Ales Bello analisa o problema do mal seguindo os preceitos de Gerardus van der Leeuw. O mal é que evidencia a impotência humana, estando relacionada à descoberta da Potência – “aqui nasce a consciência da nossa situação existencial” (BELLO, 2018, p. 89). Se na arcaicidade as configurações do mal são consideradas a partir da

consciência do limite humano e de sua impotência, onde o momento *hylético* transforma o sentimento de mal-estar em uma *entidade real* e que deve ser exorcizada, no sagrado complexo prevalece a dimensão espiritual e, portanto, *noética*.

Passando-se para a segunda parte do livro, na *Arqueologia fenomenológica do Sagrado Complexo*, Capítulo I, Ales Bello trata da relação entre o fiel e o seu Deus. Partindo do divino enquanto questão linguístico-semântica, a autora ressalta que a Potência é apreendida por intermédio da subjetividade humana dentro da objetividade da tradição na qual se apresenta. A oração, enquanto atitude humana imprescindível na relação com a Potência, denota a alteridade entre o ser humano e o Totalmente Outro. Essa presença da transcendência se dá em todas as religiões e, também, demonstra uma conduta de solicitação, agradecimento e contemplação do divino – prevê o envolvimento total do ser humano. A autora ressalta a manifestação do sagrado no politeísmo, henoteísmo e monoteísmo, onde a experiência do divino pode assumir configurações diversas.

No Capítulo II, Ales Bello enfatiza a encarnação do divino mediante a matéria e o corpo, procurando reaver o valor conceitual de *hylética*. Entra em cena a ideia de *energia*, pela qual a encarnação concede à matéria (*hylética*) uma *noética*, isto é, uma *energia vital*, numa compatibilidade entre corporeidade humana vivente e o espírito divino.

Já o Capítulo III é relativo à articulação entre teologia negativa e mística a partir do diálogo com a fenomenologia de Edith Stein. O leitor é levado à conexão entre experiência religiosa e revelação, bem como entre razão e mistério, ou ainda, razão e fé. A autora compreende que “a teologia negativa e a mística são compreensíveis com base na relação noética-hilética” (BELLO, 2018, p. 133), sendo a primeira direcionada à *noética*, e a segunda à *hylética*.

Por fim, o *Epílogo* da obra aborda o processo de dessacralização do mundo contemporâneo frente à configuração antropocêntrica e cientificista, trazendo à tona o relativismo e o ateísmo. Embora tais aspectos retirem o *Sacro* da experiência religiosa, Ales Bello ressalta que as figuras do sagrado não podem ser eliminadas: “elas podem ser camufladas, transformadas, escondidas, mas se manifestam sempre com a sua característica peculiar que tem relação com uma dimensão que pertence ao humano e que, ao mesmo tempo, o transcende.” (BELLO, 2018, p. 149).

O Sentido do Sagrado é, em essência, uma obra de fenomenologia da religião. Substancial àqueles que desejam compreender as formas de experiência religiosa, o humano é compreendido em sua complexidade interior e nas relações de convivência de sua historicidade, das quais resultam os aspectos fundamentais que compõem sua religião para

com a Potência. Ales Bello faz pensar num sentido do Sagrado para além dos princípios institucionais das religiões, na afirmação do encontro entre Potência e humano, compreendidos no dinamismo histórico-antropológico.

Recebido em: 26 jun. 2020
Aprovado em: 04 set. 2020